



Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Administrador: P. Carlos de Azevedo — Redacção: Largo Dr. Oliveira Salazar, 21 — Leiria.
Administração: Santuário da Fátima, Cova da Iria, Composto e impresso nas Oficinas da «União Gráfica», Rua de Santa Marta, 48 — Lisboa N.

A peregrinação de Setembro 13

Com um céu nublado e uma temperatura amena, realizou-se no dia 12 do mês passado a procissão das velas, na Cova da Iria. Foi, como sempre, mas desta vez

porventura mais do que nunca, uma tocante manifestação de fé e piedade feita num ambiente de silêncio e de recolhimento sumamente edificantes. Nela tomaram parte mais de duzentos peregrinos espanhóis procedentes de Madrid, Barcelona, Salamanca, Valência e outras cidades da Nação vizinha.

A peregrinação espanhola foi organizada pelos rev.ºs Padres Dominicanos de Salamanca, presi-

grupos os respectivos párocos, os rev.ºs Monsenhor António José Moita, P. António Patrício, P.º Celestino de Almeida Branco e P.º Joaquim da Silva Monteiro.

Entre os peregrinos dos dois países viam-se muitos religiosos e religiosas de diversos Institutos envergando os seus hábitos.

É quasi meia-noite. O imponente cortejo nocturno terminou com o canto do *Credo*. Principia então a adoração geral do Santís-

sidade de uns e outros cumpriram integralmente os seus deveres de cristãos de fé e mandamentos e o milagre assombroso e incomparável que é a Fátima, fonte de benefícios espirituais e temporais para as duas Pátrias.

Das 2 às 6 horas, fizeram os seus turnos privativos de adoração as peregrinações do Estoril, do Carvalhido e de Tavira.

Dada a bênção eucarística e encerrado o Santíssimo às 6,30 horas, o rev. Cónego António de Campos, pároco da freguesia da Lapa, de Lisboa, começa, às 7, a Missa da comunhão geral para os peregrinos portugueses e o rev. P.º Casimiro Puig, às 9, para os peregrinos espanhóis, fazendo nesta uma prática o Senhor Bispo de Salamanca.

As 8,30 h., celebrou a sua primeira Missa, na Capela do Carmelo, o rev. P.º Carlos Rodrigues, de Évora, e, às 10 h., na Capela das Aparições, o rev. P.º António Pereira Amante, de Portalegre.

As 11,30 h., rezado em comum o terço junto da Santa Capela, efectuou-se a primeira procissão. A Imagem de Nossa Senhora da Fátima é conduzida aos ombros de peregrinos espanhóis para o altar exterior da Basílica. A multidão imensa, fremente de entusiasmo e de comoção, saúda a Rainha do Céu acenando com milhares de lenços.

Em seguida principia a Missa dos doentes que é celebrada pelo Senhor Bispo de Salamanca e oferecida, de modo particular por Portugal e Espanha. Ao Evangelho, o rev. P.º Jaime Parceriza faz a homilia em língua Castellhana. O tema que versa é o do amor maternal de Maria Santíssima para com as duas nações vizinhas e irmãs que a levou a conceder-lhes graças extraordinárias a que devemos corresponder vivendo sempre como bons cristãos.

Terminada a Missa, o venerando celebrante desce às esplanadas e dá a bênção com o Santíssimo Sacramento a cada um dos duzentos doentes inscritos. Nas primeiras filas estão os grandes enfermos deitados em macas ou sentados em carros de mão.

Entre eles chama particularmente a atenção pela sua idade e pela gravidade extrema do seu estado uma menina de Santarém, de nome Maria do Rosário Alves Martins, de 20 anos de idade, filha do sr. dr. Joaquim Alves Martins, notário naquela cidade. Atacada de tuberculose pulmonar em último grau e sofrendo imen-

ACÇÃO CATÓLICA

Palavras

É facto averiguado que a maioria das pessoas possui tendência decidida para a maledicência.

Certas conversas que, longe da crítica, se arrastam mortificamente, logo se animam e inflamam, quando tomam o rumo daquela mordacidade implacável que, freqüentemente, não poupa sequer os amigos.

Algumas vezes ensombra-se a reputação alheia com palavras agressivas e duras. Dir-se-ia que a salvação do mundo depende dessa tempestade de pedradas.

Com palavras mansas e insidiosas, que parecem fruto de muita amizade, faz-se, outras vezes, ainda maior mal. Na sinfonia de louvores quentes intromete-se uma adversativa insidiosa, um *mas* comprometedor, uma reserva imposta, diz-se, pela justiça, que destroem totalmente todo o bem que se dissera.

Esopo tinha razão em afirmar que nada há de melhor ou de pior do que a língua, pois tudo depende do uso que dela se fizer.

As vezes, muitas vezes, para se lançar a dúvida ou o descredito sobre a reputação dos outros, não são necessárias palavras. Bastarão vagas reticências, significativo encolher de ombros, leve sorriso de dúvida, silêncios profundos e prudentes, para se fazerem revelações ou insinuações injustas ou impiedosas.

Parece que há um gosto irresistível, se não de difamar, ao menos de diminuir o merecimento ou até a virtude dos outros.

Serão muitas as causas do facto, mas sempre se encontrará o interesse que, para desfazer-se de um rival, lança mão deste meio condenável; ou a inveja, que não consente que os outros subam sem que logo se sinta ferido o amor próprio; a leviandade que, para fazer espírito, não respeita mesmo a amizade; algumas vezes o desejo de apoucar, por apoucar, o que representa já estranha anomalia.

Quando se cultiva o desporto da crítica mordaz, nada se poupa. Os próprios superiores não escapam a este jôgo de mau gosto, que é deplorável e corrosivo. Com freqüência, serão eles até o objecto principal da mordacidade. Todos os seus actos, e palavras, e atitudes se julgarão com rigor sombrio e inexorável.

Se fôssem esses austeros censores a mandar... Então sim, modificar-se-ia, de pronto, a face da terra.

Ora, muitas vezes, as obras que realizam são tão subtis, tão imponderáveis, que não há maneira de se lhes medirem nem a grandeza, nem o alcance. Afinal, todo o poder de realização se resume em criticar a obra alheia.

Prouvera a Deus que nunca se usassem tais processos entre associados da Acção Católica nem entre quaisquer fiéis cristãos.

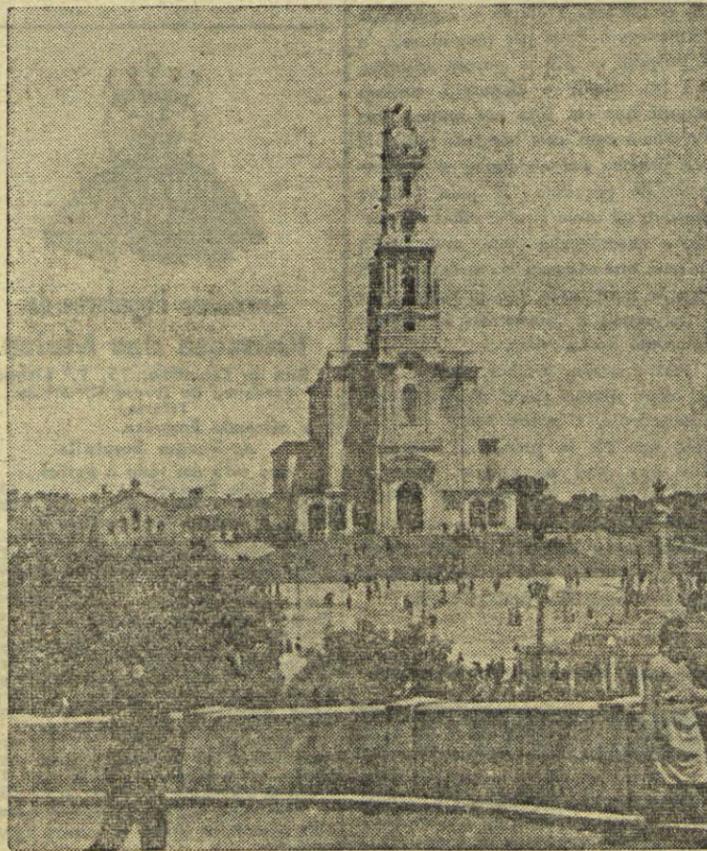
Mas ele há tantas reuniões, elegantes, até rotuladas de apostolado, onde se tem em tão pouco aprêço o bom nome dos nossos irmãos... onde ficam a escorrer sangue a caridade e até a justiça!...

Defeitos leves? Pecadinhos sem importância? Não são leves os defeitos desta natureza, nem sem importância tais pecados.

Quem não sabe que é freqüente ir-se muito longe na criação de factos que nunca se deram, na deturpação e aumento de acções que se poderiam desculpar com facilidade, na divulgação de actos sobre os quais devia guardar-se sigilo rigoroso?

E se pensássemos que somos todos irmãos? E se reflectíssemos nas nossas próprias fraquezas? E se nos lembrássemos da palavra do Senhor, segundo a qual seremos julgados na medida em que julgarmos os outros?

† MANUEL, Bispo de Helenópolis



Vista de frente da Basílica no seu estado actual. Encimará a torre uma grande coroa de bronze e sobre ela uma cruz luminosa

dida pelo Senhor Bispo da Diocese, de Salamanca, Dr. D. Manuel Barbado, da mesma Ordem, e dirigida pelo rev.º P. Parceriza, capelão da Hospitalidade de Nossa Senhora de Lourdes, daquela cidade.

Entre os peregrinos do país vizinho contavam-se quinze doentes, os primeiros de uma peregrinação estrangeira organizada que vieram implorar as graças e as bênçãos de Nossa Senhora da Fátima.

Na procissão das velas incorporaram-se vários grupos de peregrinos portugueses: o do Estoril com 34 pessoas, o de Tavira com 30, o de Espinhel (Águeda) com 24, o de Bom Jesus de Barrosas (Felgueiras) e o da freguesia de Carvalhido, da cidade do Porto, além de outras. Dirigiam esses

simo Sacramento solenemente exposto no altar do pavilhão dos doentes. É oferecida por todo o mundo, especialmente por Portugal e Espanha. Reza-se o terço do Rosário e meditam-se os mistérios gloriosos. Comovem sobremaneira o respeito, o silêncio e o recolhimento de que todos os peregrinos, portugueses e espanhóis, dão visível testemunho.

A pregação, bilingue, é feita alternadamente por um sacerdote português, rev. P.º Manuel Dias da Costa, abade da Foz do Douro, e dois espanhóis, os revs. Padres Puig, do clero secular, e Battice, da Ordem de S. Domingos. Os pregadores recordam as graças dispensadas pela Santíssima Virgem às duas nações da Península, a devoção dos portugueses e espanhóis para com Ela, a neces-

(Continua na 2.ª página)

O OLHAR DE JESUS Publicações Movimento no Santuário

As almas podem comunicar os seus pensamentos e impressões por meio da palavra, do olhar e do sorriso. O sorriso fala e com o seu encanto indefinível exprime a bondade, a doçura, a alegria. Mas o olhar tem mais eloquência ainda; exprime inteligência e amor. Tem relâmpagos que iluminam e carícias que enternecem. Ele é afinal o complemento do sorriso, porque o sorriso de um cego é triste e o de uma pessoa que dorme ou fecha os olhos deixa adivinhar uma visão interior mas é como que um esboço que só se completa quando os olhos se abrem.

O olhar é um poderoso revelador da alma. É mais franco e mente mais facilmente que a palavra.

Se as pessoas naturalmente francas querem conscientemente mentir os olhos traem-nas e desmentem o que os lábios afirmam. O mentiroso, a não ser que seja um actor muito hábil não ousa sustentar o olhar daquele que o interroga. Desvia os olhos e fita-os em qualquer objecto que o cerca, para que o olhar do seu interlocutor não penetre através das janelas da alma e a lêia o seu pensamento.

As crianças nos primeiros anos não sabem fingir, por isso o seu olhar tem muitas vezes uma candura incomparável que é o que há de mais encantador sobre a terra. Não fecham nem defendem o fundo do seu coração que deixam ver com simplicidade até aos recantos mais escondidos.

Sendo a alma de Jesus infinitamente bela, o Seu olhar que a deixava transparecer completamente, era infinitamente belo também: era a pureza e a beleza supremas.

Por isso podemos facilmente imaginar o êxtase de Sua Mãe, quando Jesus Menino ou adolescente a fitava e deixava que Ela lesse através do cristal do Seu olhar o fundo infinitamente belo da Sua alma divina.

Jamais dois olhares mais admiráveis se cruzaram sobre a terra. Não tinham segredos nem reservas um

para o outro. A profundidade infinita do céu, a beleza infatigável das estrelas estava no fundo do olhar do divino adolescente; a bondade plena e inesgotável, transparecia no olhar da Mãe.

Jesus falava às multidões com a voz e, com o gesto, mas falava-lhes também com o olhar que revelava um poder e ternura infinitos. Todavia a vontade humana permanecia livre e podia opor-lhe uma resistência culpável.

Um dia um jovem aproximou-se de Jesus que o olhou longamente e amou com ternura: *intuitus dilexit illum*. Mas tinha o coração demasiado preso aos bens da terra e, em vez de seguir o Mestre que o chama, desvia o olhar e afasta-se d'Ele.

Jesus olha também Judas com um olhar cheio de ternura e de tristeza. E Judas não podendo suportar aquele olhar que exprime censura e amor afasta-se também.

Mas as mais das vezes o olhar do Senhor triunfa dos corações mais rebeldes. Maria Madalena é um exemplo eloquente. Trémula e angustiada permanece a Seus pés perguntando a si própria se Ele a pureza infinita, não irá repelir e afastar a mulher impura que ela fora até então. Mas Ele olha-a com uma bondade indizível que penetra até ao fundo do seu coração de pecadora. E para sempre guardou na alma aquele olhar de perdão e misericórdia como uma fecho ardente que abrasou e purificou o seu coração num amor tão profundo que a faz seguir o Mestre até às alturas dolorosas do Calvário.

Feri também, Senhor, com o Vosso olhar divino cheio de bondade e misericórdia, o nosso pobre coração, para que Ele se prenda a Vós só e Vos siga quer na alegria, quer na dor. Abrasai-o, nas chamas de um amor inquebrantável em que continuamente se consuma e arda iluminando as almas que vivem na escuridão porque Vos desconhecem.

recebidas

«*Maria Goretti Mártir da Pureza*», tradução do Rev. P. Faustino de S. Domingos, Passionista, edição dos Passionistas de Barroelas. «*Assistência activa à Santa Missa*» pelo Ex.^{mo} Senhor D. João de Campos Neves, Bispo de Vatarba, impresso em Coimbra.

«*Paz e Alegria*» do P. Tocha, S. J., 2.^a edição portuguesa feita pelo Rev. P. Eduardo Pinheiro, Vilar do Paraíso, Valadares.

«*Claridades de Fátima. Meditações dos primeiros sábados*», pelo Rev. P. António de Almeida Fazenda S. J., edição do «Mensageiro de Maria», Braga.

«*O linho — para fibra — sua cultura*», edição da Empresa Fabril do Norte L.^{da}, Senhora da Hora, Porto.

«*Mocidade Portuguesa Feminina*» do Secretariado da Propaganda Nacional.

Agradecemos os exemplares oferecidos à «Voz da Fátima».

Agosto 17 — Principiou um curso Catequístico para Senhoras de Beja. Fizeram as conferências o Senhor Bispo de Beja e o Rev. P. Arnaldo de Magalhães, S. J.

Agosto 20 — Principiam os Cursos Gerais para dirigentes da Juventude Universitária Católica, de Lisboa, Porto e Coimbra. Assistiram às sessões de estudo os Revs. Dr. Domingos Maurício, assistente Nacional, e P. Júlio Marinho, Provincial dos Jesuítas.

Agosto 26 — Realizou-se o primeiro turno de exercícios espirituais para o Clero da Diocese de Portalegre. Cerca de 70 sacerdotes. Assistiu o Prelado desta Diocese e foram conferentes os Revs. Severiano Tavares e Armandinho Setúbal Lopes, S. J.

Setembro 4 — As componentes do I Curso de dirigentes dos

Centros Primários, da Mocidade Portuguesa Feminina, vieram consagrar-se no final do seu curso a Nossa Senhora. Vieram cerca de 300 senhoras e raparigas. Acompanhava-as a Comissária Nacional da M. P. F., Dr.^a D. Maria, Guardiola e a Vice-Commissária Nacional, D. Fernanda d'Orey. O Rev. Dr. Gustavo de Almeida dirigia a peregrinação. Na manhã do dia 5 o Ex.^{mo} Senhor Bispo de Helenópolis, D. Manuel Trindade Salgueiro, celebrou a santa missa às peregrinas e fez a homilia. Finda a procissão com a imagem de Nossa Senhora, todas as componentes do Curso se consagraram a Nossa Senhora.

Setembro 5 — Principiou o segundo turno de exercícios espirituais para o Clero de Portalegre.

A peregrinação de Setembro 13

(Continuação da 1.^a página)

so, a sua resignação é edificante. Tendo realizado o seu desejo ardente de ir à Fátima, prepara-se para partir para o céu, inteiramente conformada com a vontade de Deus.

Vê-se também, numa das primeiras, o rev. P.^a Agostinho Marques Ferreira, Pároco da Fátima, vítima de uma congestão cerebral, que por igual aceita resignadamente a grande provação da sua doença.

Concluídas as invocações, cantado o *Tantum ergo* e dada a bênção geral, os dois Prelados, no átrio da Basilica, dão em conjunto a bênção episcopal e o Senhor Bispo de Leiria benze os objectos de piedade que os fiéis lhe apresentam para esse fim.

Por último, procede-se à recondução da Imagem de Nossa Senhora da Fátima para a sua capela. Redobram as manifestações de fé e piedade. A multidão acena de novo com os lenços, num entusiasmo delirante. E ali, junto da veneranda Imagem, portugueses e espanhóis, que no fim da Missa se tinham consagrado colectivamente ao Imaculado Coração de Maria, cantam a «Salve Regina», dispersam-se cantando o

«Queremos Deus» e iniciam o regresso às suas terras cheias de saúde daquele delicioso cantinho do Céu e das mais gratas e mais santas impressões.

Uma senhora paraplégica, de Orjais (Guarda), de nome D. Leopoldina Chorão Alçada Padez, esposa do sr. dr. Alçada Padez, de sessenta e dois anos de idade, no fim das cerimónias oficiais da peregrinação, seguiu por seu pé para a pensão onde estava hospedada. Um atestado do médico assistente, sr. dr. Alfredo Mendes Gil, do Fundão, que ficou arquivado no Posto das verificações médicas, diz textualmente que a referida senhora «sofre há anos de nevrite ciática que a impossibilita de marchar».

Há 33 anos, no mesmo dia em que começava a sua viagem de núpcias, sentou-se numa pedra fria, na estância do Bussaco, e desde esse momento nunca mais pôde andar nem sequer pôr-se de pé.

Os médicos do Posto aguardam a confirmação da cura, que só com o tempo se pode obter, para a considerar superior às forças da natureza e, por consequência, milagrosa.

Visconde de Montelo



Armazéns Populares da Princesa das Meias

Rua do Crucifixo, 75, 1.^o Lisboa (próximo da Igreja N.^a S.^a da Vitória)

é a «Grande Empresa de Vender Barato!!!»

que está em toda a parte!...

Meias seda fina de 1. ^a	10880
Meias seda g. lote saldo	8850
«Meias Parisettes» tipo especial linho e seda	17850
Meias seda finíssimas	12850
Meias seda gaze, resistentes	14800
Meias seda costura escura	14850
Meias seda natural	15800
Peúgas seda caneladas	9860
Toalhas mesa, desenho xadrez	7850
Jogos 5 «napperons» p. ^a bordar	14800
Toalha chá o/4 guardanapos	8820
Opaltes cores p. ^a roupa	11800
Pano abretanhado de 1. ^a	10850
Véus seda, pretos arrendados p. ^a Ir à Igreja	17850
Fazendas lá p. ^a vestidos	15800
Casaca p. ^a cortinas	7890
Tecidos cores p. ^a cortinas	13880

Provincia e Ilhas, enviamos Amos-tros Gratis e tudo a contra-reembolso!!!

O Calendário de Nossa Senhora da Fátima (1945)

que entrou no sexto ano da sua publicação, já está à venda e constitui um elegante e delicado brinde. É ilustrado a offset e reproduz interessantes cenas da vida dos três postorinhos — LÚCIA, FRANCISCO e JACINTA.

Preço de cada exemplar, quer do Almanaque quer do Calendário, 1\$00. Pelo correio, cada um, 1\$30. Descontos para os revendedores. Não se atendem pedidos à cobrança, nem à consignação.

Pedidos à ADMINISTRAÇÃO DA REVISTA «STELLA» — Cova da Iria (Fátima).

Quando precise de um jornal diário, o católico deve pedir sempre as «Novidades».

ATENÇÃO!!

Sedas e tecidos de algodão para Campo e Praia a preços baratíssimos!!

- Tecidos leves lindíssimos m.¹⁰ 11\$50
- Sedas estampadas reclamo desde m.¹⁰ 18\$50
- Piquets seda finos, lindos tons m.¹⁰ 32\$50
- Crepes china estampados modernos desde m.¹⁰ 25\$00
- Meias seda gaze fina 11\$50
- 8\$50
- Meias algodão grande duração 3\$90
- Meias escócia reclamo 5\$80
- Tecidos leves com barquinhas moda p.^a praia m.¹⁰ 17\$50
- e muitos outros tecidos últimos novidades!

Enviamos amostras grátis! Provincia e Ilhas enviamos tudo contra-reembolso

Armazem de A COMPETIDORA DAS MEIAS

R. Arco Marquês do Alegrete, 39-1.^o LISBOA

REMEDIO D.D.D.

ECZEMA, IRRITAÇÃO CUTÁNEA, IMPINGENS, ÚLCERAS DAS PERNAS, SARNAS, FURÚNCULOS, CASPA, ACNE, CORTADELAS, ESFOLADELAS, QUEIMADURAS, PICADAS DE INSECTOS, PSORIASSE, DERMATITE, PÉS DORIDOS,

eis os títulos das batalhas ganhas pelo remédio D. D. D.

Este famoso Remédio é a conclusão de muitos anos de pesquisas e experiências levadas a cabo pelo corpo de especialistas da Companhia D. D. D., de Londres, que sómente se ocupa do tratamento das doenças da pele.

NADA IGUAL! NADA MELHOR!



O Remédio para a pele

Medalhas Religiosas

encontra-se à venda no Santuário da Fátima, toda a edição das preciosas medalhas religiosas, assinadas pelo escultor JOÃO DA SILVA

« IN ILLO TEMPORE »...

CASO ÚNICO

Reinava o terror na linda vila açoreana e quasi podia dizer-se que ia alastrando por toda a ilha. As crianças levando as relvas as vaquinhas roliças, tao mansas que se deixam ordenhar pelas suas maoz.tas inexperientes, quedavam-se muitas vezes de olhos cravados nos densos bosques de incensos e falas, nos laranjais sombrios onde o sol mal consegue amarelecer os pomos, nos luxuriantes bananais.

Havia um malfetor na ilha... um ladrão... Onde se ocultaria?... A soleira das portas, as velhas fiando o ve.o macio de suas brancas ovelhas, entretinham-se a meia voz, timidamente, do caso unico na historia do vicejante torrão até aquêlo ano da graça de 1901. Os velhos, olhares perdidos na imensidade do mar, consideravam, talvez, no bem e no mal advindos das communicões com o resto do mundo.

Em casa da sr.ª Filomenina da Lomba, pessoas e coisas tinham um ar carregado, quasi funebre. Se fora ali que o delicto se cometera!... Mandava-lhe o filho da America todos os meses uma reluzente «água» (1) que ela la cuidadosamente ameahando para quando a velhice a impossibilitasse de traba har.

Dizemos cuidadosamente quanto ao facto de não gastar nenhuma dessas moedas, mas não quanto ao recato com que as guardava. Lançadas no fundo de uma arca sem fechadura, no quarto de cama contiguo a cozinha, cuja porta ficava na aldrava dia e noite, estavam por certo seguras — ou mais ainda — como no cofre de qualquer banco...

Quantas vezes a boa mulher sala, precipitadamente, a prestar servicos a um doente ou a uma mãe de numerosa familia e, quando voltava, encontrava a loiça lavada, a casa varrida ou feito qualquer trabalho que deixara de fazer para acudir aos outros! E quantos presentinhos lá lhe iam pôr sobre a mesa ou ao lado da chaminé: umas batatas doces, inhames, os primeiros figos, as últimas maçãs, um «bôlo do tijolo» fresquinho para a cela...

Era assim a Ilha das Flores «in illo tempore», e até pouco depois das vicissitudes da chamada Grande Guerra.

Hoje, varrido o mundo deste vento de insânia, de ambição, de maldade, quem sabe o que será...

A SEDE DE CORRER MUNDO

— Eh! Lúcio!... — Eh! Margarida!... — Que tens tu, rapaz, que vais lá a pensar que nem um doutor? — E que a vida não é o que vós cuidais...

Margarida arregalou os seus grandes olhos garços e fitou o rapaz, como se o julgasse demente. Pois que era então a vida, para elle, como para ella?

Tão fácil... tão simples... Semear... colher... E colher também o que a Providência se encarrega de semear, adubar e regar — terra bendita! Mungir as vacas, levar o leite às mantelgarias... Que mais seria necessário, que mais desejar?

— Vós, as mulheres, com pouco vos contentais — prosseguiu Lúcio. Comer e dormir é quanto vos basta... Cá um homem, sempre tem outras ambições... Mais dia, menos dia... talvez não tarde muito... passo-me também para a America...

Margarida, que retorcia a baucha do avental, pensativa, largou-o e juntou as mãos contra o peito. Passar para a America... o Lúcio... o «seu» Lúcio, como

ela já o designava no segredo do seu coração... Não! Não podia ser!

Um pensamento súbito tranquillizou-a: não havia que recear — elle não tinha dinheiro! Uma modesta casita onde ella já se via a reinar como ama e senhora, um pedacito de terra, eram todos os seus haveres. E para se embarcar para a America era preciso uma manchela de «dólares»... (2)

— Estás brincando! disse já risonha.

— Não estou, não!

E como Margarida permanecesse incrédula, aproximou-se e quasi lhe segredou:

— Queres ver que é certo?... Mas jura que o não dirás a ninguém.

— Não faço juras — voiveu-lhe a rapariga muito pallida. Mas dou-te a minha palavra. Confia nela... como eu confio na tua! Então o rapaz tirou da algibeira um bôlsa feita de «crochet» e apresentou-lha, para logo a encafiar dentro da «suelra». (3) Através da malha de retrós escuro, esticada pelo volume das moedas, refulgia o ouro...

ALARME NO REBANHO

Manhãzinha tépida de Junho. Mar verde-cinza, céu nublado e as hortênsias jorrando azul pelos montes abaixo. É domingo. Quasi toda a população vai à Missa de alva; a restante e parte da mesma, que pode e sabe que nada de melhor tem a fazer para santificar o dia do Senhor, encherá também a igreja à segunda Missa.

Para a primeira subia ao altar o sr. Padre Ouvidor. Nesse dia o seu aspecto era mais venerando do que nunca; a cabeça parecia mais prateada, o semblante mais solene. Depois da explicação do Evangelho, na sua voz clara e pausada, em linguagem que todos entendiam, percorreu com o o'har magoado os fiéis e anunciou o insólito acontecimento: o roubo das «água» da sr.ª Filomenina da Lomba, a existência de uma ovelha ranhosa no seu rebanho!

Nova prática se seguiu. O zeloso sacerdote não podia conter o seu desgosto: suplicou, ralhou, ameaçou.

A OVELHA PERDIDA

Passou-se uma semana — outros sete dias de ansiedade, de dúbidas, de conjecturas...

Quem teria praticado tão feia acção? Seria obra de um louco — talvez do Justino Micaelense, que se sumia freqüentemente para os matos e por lá ficava dias e dias sem que ninguém soubesse se era vivo ou morto?...

E o que mais atormentava aquelas naturalmente delicadas consciências era ainda o receio da culpa de juízos temerários, de não repellirem vigorosamente qualquer pensamento de desconfiança contra tal ou tal individuo.

Chegou, porém, o Domingo. Novamente o sr. Padre Ouvidor subiu ao altar para a Missa de alva. Estava manifestamente comovido: foi com as lágrimas a bailar-lhe nos olhos jubilosos que, ao Evangelho, ainda antes de encetar a homilla, participou que as moedas roubadas lhe tinham sido entregues e que o culpado já tinha alcançado o perdão de Deus por uma boa confissão. Mais ninguém, pois, tinha o direito de o julgar nem de voltar a falar e — até — pensar no assunto.

Não seria, contudo, somente o Ministro do Senhor o confidente do desvairamento do Lúcio. Que-

Graças de N.ª S.ª da Fátima

AVISO IMPORTANTE

Dora-avante todos os relatos de graças obtidas devem vir autenticados pelo Rev. Pároco da freguesia e acompanhados de atestados médicos quando tratem de curas.

De contrário não serão publicados.

NO CONTINENTE

Manuel Soares Cardoso, Ajuda, vem por este meio agradecer a Nossa Senhora da Fátima a cura de uma mastoidite, pois, tendo ordem do médico para se apresentar num determinado dia a fim de ser operado, pediu a Nossa Senhora que o livrasse da intervenção cirúrgica, prometendo que, se tal succedesse o tornaria público. No dia seguinte, quando devia de ser operado, o médico encontrou-lhe tais melhoras que o não operou; três dias depois estava completamente curado.

D. Elvira Sara Gonçalves, Vieira do Minho, diz que sua mãe Emilia Rosa de Sousa adoeceu com uma forte cólica no figado. No dia seguinte foi-lhe descoberta pelo médico uma bronco-pneumonia com a agravante da irregularidade do coração. O seu estado foi-se agravando a ponto de o médico a declarar perdida. Foi então que todos os seus se voltaram para Nossa Senhora da Fátima pedindo a graça da sua cura. Deram à enferma água do Santuário da Fátima e succedeu que a doente logo principiou a sentir melhoras e daí a pouco ficou curada, com grande espanto de todos os que conheceram o seu gravissimo estado. É com o maior reconhecimento que torna público o succedido para maior glória da Santissima Virgem.

D. Maria da Conceição Gomes, Lisboa, escreve: «Em Janeiro do ano passado (1938) del uma queda e fiquei muito mal de um pé e perna; fiz muitos tratamentos estive de cama e andei arrumada a uma bengala. Uma pessoa amiga convidou-me para eu ir ao Santuário da Fátima para que Nossa Senhora me curasse. Lá fui, mas, quando ali cheguei, senti-me pior, não pude tomar parte na procissão das velas. As 4 horas da manhã fui ao fontanário buscar água, assisti à missa das 6 horas e quando fui comungar ainda não me podia pôr de joelhos. Assisti a parte da missa dos doentes e fui-me sentar numa pedra debaixo de uma azinheira, principiei a rezar o terço e adormeci. Quando acordei, levantei-me com muita pressa para assistir ao resto da missa... Voltei para casa aonde cheguei à meia noite, e, no dia seguinte, levantei-me e comeci a trabalhar, sempre ligeira. Outra graça venho também agradecer a Nossa Senhora e foi que um marçano de uma mercearia de nome José, apanhou uma pancada no sobreolho, ficando tão mal que estava para dar entrada no hospital pediu-me água da Fátima, e eu mesma lhe lavei o olho com ella e lha dei a beber rezando três vezes a «Avé Maria». No fim de três dias o rapaz estava completamente curado.

D. Urbana Garcia Saraiva, Vila Nova de Fozcoã, diz que, vendo seu marido com uma doença grave, re-

re-nos parecer que este o teria também lealmente confessado à sua querida Margarida, que em breve desposava e com a qual constituiu uma das familias mais honradas e prósperas de toda a ilha.

M. DE F.

(1) Moeda de ouro valendo 10 dólares. (2) Dólares. (3) Camisola exterior, por certo ou raptela de «sweeters».

correu a Nossa Senhora da Fátima, prometendo, se elle se curasse, de irem os dois, todos os anos, à Fátima. Frontalmente a sua prece foi ouvida e como reconhecimento vem tornar pública tão grande graça.

D. Geneveva Ferreira, Marmelo, vem por este meio agradecer a Nossa Senhora a graça que lhe fez na Cova da Iria, numa das peregrinações de 1935; soffrendo muito do estômago por motivo da sua deslocação, pediu a cura a Nossa Senhora da Fátima, fazendo-lhe uma novena que terminou na Fátima, e quando regressou a casa não mais sentiu o mal que até então tanto a fazia soffrer.

Manuel de Oliveira, Quiraz, diz: «Tendo eu e minha familia um verdadeiro amigo muito doente e já de há muitos dias detido no leito, chegou-nos a dolorosa noticia de que já não havia esperanças de se curar e que a sua vida estava por horas. Com o coração ferido ergui então o meu pensamento até Nossa Senhora da Fátima pedindo-lhe que de Deus alcançasse a cura daquela pessoa querida.

Com quanta alegria eu tive noticia no dia seguinte de que aquêlo bom amigo já estava livre de perigo. Graças sejam dadas à Mãe de Deus!

D. Maria Amália Brito e Reis, Charneca de Ourém, vem agradecer a Nossa Senhora da Fátima o favor dispensado a seu marido que, com urnas nascidas más, numa perna, não podia descansar. Consultou o médico e, depois de alguns dias de tratamento, disse-lhe que seu marido tinha de ser operado. Recorreu então a Nossa Senhora da Fátima, pedindo-lhe que o livrasse de tais soffrimentos e comecou a fazer-lhe o tratamento com água da Fátima. Chegando o dia da operação o médico surpreendido não sabia a que attribuir a mudança que n'ê se dera, afirmando-lhe que seu marido estava curado.

D. Mariana das Dores Machado Paixão, Portel, diz que desde 1928 que vinha soffrendo de nervoso, começando a ter crises terríveis, ataques de perder os sentidos, chegando alguns a durar 12 horas. Consultou os primeiros especialistas de doenças nervosas e mentais de Lisboa, sem resultado satisfatório, chegando os mesmos a dizer que se tratava de epilepsia. Em dezembro de 1937, comecou a beber algumas gotas de água da Fátima, pedindo-lhe que a curasse. Como tenha alcançado a graça pedida, vem publicar o seu reconhecimento a Nossa Senhora.

D. Augusta Machado Morais e Sousa, Póvoa de Varzim, vem, como prometeu, agradecer publicamente a Nossa Senhora, pois estando gravemente doente do figado, de tal modo que os médicos julgaram poder ser qualquer coisa de origem maligna, recorreu a Nossa Senhora da Fátima com a maior confiança. Durante a novena que fez, foi sentindo algumas melhoras, e, no último dia, passou a febre, sentindo-se curada.

D. Ofélia Rodrigues Palma, Mértola, diz que, tendo sua mãe soffrido uma doença cancerosa num peito, e tendo ficado depois da operação sempre a soffrer e a precisar de fazer tratamentos em Lisboa, recorreu a Nossa Senhora da Fátima pedindo-lhe para a canonização do Beato Nuno de Santa Maria, que curasse sua mãe da sua doença de modo que não precisasse mais de se tratar e prometendo, se Nossa Senhora o ouvisse tornar pública a sua graça.

Como, felizmente, sua mãe de então para cá se tem encontrado melhor, vem cumprir a sua promessa, e agradecer a nossa Senhora tão grande graça recebida.

Atesto ser verdade o caso acima referido.

Mértola, 15 de Setembro de 1944

O Pároco: P.ª José de Castro

Agradecem graças muitas e diversas, obtidas por mediação de Nossa Senhora da Fátima

- D. Maria da Conceição, Matra. D. Maria Avelina Lopes, Porto. D. Maria do Carmo Carreiros Alves, Idanha-a-Nova. José Antunes Fortuna Júnior, Palmela. D. Maria Carlota de Matos Correia, Funchal. D. Georgina da Piedade, Rabaçal. D. Ester da Conceição Garcia, Vila Nova de Fozcoã. Felisberto Vilela Passos, Celorico de Basto. António dos Santos Cruz, Ribeirão. D. Maria Cecília de Oliveira Tomar, Coruche. D. Maria Helena Dias de Carvalho, Cucujães. D. Amélia da Costa Rodrigues, Trofa. Manuel Joaquim Magalhães, J.ª P.ª Cecília, Maquela do Zombo. D. Maria Antunes Teodora, Lordeã. Augusto Cesar Dias, Moncorvo. D. Judite da Queija Aires, Boute, Arcos-de-Valdevez. D. Maria Anália Pereira da Silva, Vila Pouca de Santa Comba Dão. D. Maria A. Mendes Carvalho, Praia da Vitória. Manuel Inácio Meneses, Terceira. Jacinto José de Avila, Cinco Ribeiras. Germana da Silva Brum, Ribeira, Pico. P.ª Pedro Parreira de Lima, Angra do Heroísmo. D. Etelevina Augusta Almeida e Marido, Angra do Heroísmo. D. Georgina Medeiros Jeronimo, S. Miguel. Pároco de Santa Maria, Guimaraes. D. Hermengarda Moreira Lopes, Sernancelhe. Quetono Joaquim Saloio, Ponce. Manuel Martins, Vila do Castelo, Capoeira. D. Clara Santos Mizes, Grijó. D. Maria Eugénia Veiga de Almeida, Ceira de Oôla. D. Margarida da Silva Régio, Joaze. D. Maria de Jesus dos Santos, Pedrouços. D. Maria Elisa Azevedo, Trancoso. Amaro da Silva Felix, Murtosa. D. Felicidade J. de Sá Pinto de Abreu Sottomaior, Foz do Douro. João de Jesus, Visou. Carlos Parente Rocha, Santa Marta de Portozelo. D. Maria da Conceição Joanes, Gala. D. Maria Rosa Nogueira, Cano, Alentejo. D. Effigénia Olympia, Caria. D. Catarina M. Sarmiento Rodrigues, Lisboa. Clemente dos Santos Seminário Apostólico, Macleira de Cambra.

Tiragem da «Voz da Fátima»

Table with columns for location and amount. Includes entries for Algarve (8.640), Angra (21.513), Aveiro (9.473), Beja (6.198), Braga (81.982), Bragança (16.848), Coimbra (16.061), Évora (4.995), Funchal (14.266), Guarda (18.462), Lamego (11.838), Leiria (14.632), Lisboa (15.580), Portalegre (14.117), Porto (53.559), Vila Real (25.517), Visou (11.000). Total: 344.681. Estrangeiro: 3.922. Diversos: 11.697. Grand total: 360.300.

CRÓNICA FINANCEIRA

PALAVRAS DE UM MÉDICO

(2.ª Série)

XLIX

A febre tifoide

Já várias vezes nos temos referido neste lugar aos progressos ultimamente feitos na técnica por causa das necessidades criadas pela guerra e hoje vamos referir-nos, a mais outra de incalculável alcance, tanto no campo da higiene, como no da produção. Já lhe tínhamos visto referências vagas em diversos jornais, mas só agora nos chegou à mão um artigo circunstanciado sobre o caso, na revista ilustrada inglesa «The Illustrated London News» de 26 de Agosto p. p., na sua crónica científica sempre primorosa.

Trata-se de um remédio contra grande número de insectos, inofensivos para o homem e para os animais domésticos nas doses habitualmente empregadas, mas de um poder nunca visto contra a bicharia. É conhecido pelo nome de D. D. T., abreviatura do seu nome científico **Dicloro-difenil 1, 2, 3, tricloretano**, que é um produto químico sintético, isto é, que se faz em laboratórios especialmente apetrechados para isso.

O seu poder contra as mósca é tal que uma parede que seja com ele pulverizada uma vez, fica com o poder de matar todas as que nela pousem, durante três meses! A sua acção contra os piolhos é fantástica. A roupa que seja pulverizada com D. D. T. mata os piolhos durante um mês, ainda que seja lavada diversas vezes.

Como é sabido, este repelente bicho é o transmissor da terrível epidemia chamada tifo exantemático, que tantas vítimas causou no mundo e até em Portugal na outra guer-

ra. Esta epidemia é sobretudo violenta no inverno e nunca tinha sido possível extingui-la nesta quadra do ano quando nela se manifestava. Pois bem, em Dezembro do ano passado, rompeu em Nápoles esta terrível epidemia com grande violência, por causa da muita gente que naquela cidade se tinha refugiado, da falta de roupas e vestuário, e até de alimentos, e de abrigo. Não obstante a quadra do ano e as condições tão favoráveis ao desenvolvimento desta doença, as autoridades aliadas, logo que entraram na cidade, dominaram a epidemia em três semanas, combatendo o piolho com D. D. T. Durante o mês de Janeiro foram pulverizadas com este remédio um milhão e 300 mil pessoas e a epidemia acabou.

As pulgas e os percevejos, e até as carraças, são vítimas também deste terrível remédio. A roupa da cama e a de vestir pulverizada com ele, mata esta bicharia toda durante algumas semanas. Nem o mosquito lhe escapa. Um charco ou um pântano tratado com D. D. T. fica limpo de mosquitos e de larvas por tempo considerável. As traças, as baratas, os bichos de conta e muitos outros insectos são vítimas igualmente destes terríveis pós. Parece que só as aranhas resistem...

Os leitores benévolo estão a ver o alcance desta descoberta extraordinária, se lhes dissermos que podem ser produzidos estes pós em grande escala e a preço diminuto. Nestas condições torna-se não só fácil mas barata a guerra contra os insectos

que não só nos aborrecem, como as mósca e os mosquitos, mas que propagam as mais terríveis doenças. E como se isto não fôra pouco, ainda nos permitem estes abençoado pós fazer guerra à bicharia que tantos estragos faz nos campos, hortas e pomares, incluindo o próprio escarvalho da batata que tantos estragos está a fazer já nos nossos batatais.

Este produto foi feito pela primeira vez por um sábio alemão há mais de setenta anos, mas ninguém lhe descobriu as virtudes e a droga caiu no esquecimento. Redescoberto pouco antes da guerra actual, foi parar às mãos de um droguista suíço que descobriu que a droga matava os percevejos. Logo lhe lembrou de a aplicar contra o escarvalho da batata. Assim começou o D. D. T. a tornar-se conhecido.

Logo que a guerra começou, os homens de ciências dos países beligerantes tratavam de aperfeiçoar os meios de combate contra as doenças da guerra e contra os agentes que as propagam. O D. D. T. foi um dos produtos a estudar e o ataque ao tifo exantemático em Nápoles fez a sua consagração. Está presentemente a ser preparado em grande escala mas só para as forças armadas. Logo que a guerra acabe, aparecerá no mercado em abundância a baixo preço. A não ser que apareça por aí um patriota a requerer patente de introdução da nova indústria e que a sua sombra nos impinja por D. D. T. uma draga cara e sem préstimo.

Pacheco de Amorim

CONVERSANDO

A ordem nova

Completaram-se já, em 1 de Setembro último, cinco anos de guerra.

O Soberano Pontífice Pio XII aproveitou a oportunidade para repetir e dizer-nos as palavras de esperança e orientação que são de vida eterna. Afirma ser de «*harmonia com as necessidades desta natureza humana um novo mundo, mais saudável e infinitamente melhor organizado*»; e, para que certamente se efectivem, suscita os grandes princípios cristãos da ordem social e mostra a atitude da Igreja diante do estado actual de coisas. Os verdadeiros caminhos da paz traça-os o Santo Padre nestas sínteses lapidares:

1.º — O direito natural à propriedade particular dos indivíduos tem de ser estabelecido como alicerce básico da ordem nova.

2.º — A consciência cristã, não podendo admitir uma ordem social que negue o direito natural da propriedade particular, também não pode admitir o direito da propriedade particular para fins puramente egoístas.

3.º — A Igreja, embora defendendo o princípio da propriedade particular dos indivíduos, não tenciona defender absoluta e inteiramente o estado actual de coisas.

4.º — O progresso técnico deriva de factores que são essencialmente do bem geral e por isso ao bem geral tem de ser dirigido e subordinado esse progresso.

5.º — Incumbe especialmente aos fiéis colaborar na resolução do problema da futura ordem so-

cial, que a tudo se sobrepõe, pela defesa dos princípios da Cristianidade para a unidade e prosperidade de todos.

Diante de tão claras e concretas determinações ninguém já poderá alegar ignorância. Que ninguém, pois, falte também ao leal cumprimento das mesmas determinações.

A nova ordem social só será cristãmente realizada quando deixar de haver o desemprego de pessoas moral e fisicamente capazes; quando as matérias primas das várias partes do globo se facultem, em razoáveis condições de acesso, ao trabalho de todos os povos; e quando a cada indivíduo possa ser atribuído com eficácia o mínimo indispensável a um ritmo normal de vida e de trabalho.

Dois meios se propõem já para condicionar fundamentalmente a satisfação destas necessidades: um é o estabelecimento de uma organização entre todos os Estados para tornar, de futuro, inviáveis as guerras gerais; outro é a revisão interna, por cada Estado, das leis sobre as formas de propriedade privada, tendo em mira a constituição de um regime especial de fomento e protecção da propriedade agrária.

Mas, afinal, este é o terreno sobre que vem lavrando a civilização cristã desde há 20 séculos. Por que se espera então?

A. LINO NETTO

VOZ DA FATIMA

DESPESAS

Transporte	2 651.973\$08
Papel, comp. imp. do n.º 264	30.257\$70
Franq. Emb. Transporte do n.º 264	7.068\$97
Na Administração	300\$00
Total	2.689.599\$75

Esmolas desde 15\$00

D. Maria Cecília, Vale de Lóbbos, 15\$00; D. Maria das Dores Castro Lopes, V. N. de Fozcoã, 20\$00; D. Maria do Carmo C. Alves, Idanha-a-Nova, 20\$00; D. Emília Viúvena Rebelo, Faro, 40\$00; D. Maria Luísa Pereira, A'androl, 20\$00; António Pereira da Luz, S. Miguel (Açores), 20\$00; D. Beatriz da Conceição Tavares, Aldela da Mata, 40\$00; D. Ana Maria da Silva, Pôrto, 100\$00; P.º José Gonçalves Ferreira, Carnaxide, 100\$00; Anónima, 20\$00; D. Ana Dias L. Machado, Sazedo, 50\$00; D. Carlos de Sá Fragoço, Cucujães, 20\$00; Hospitalidade N.ª S.ª de Lourdes, Barcelona, 50\$00; D. Luísa Maria Teixeira Borges, Lisboa, 50\$; D. Aurora dos Santos Nabais, Zebreira, 20\$00; Beijamin de Almeida Santos, Pôrto, 20\$00; Elisário Duarte R. Malveira, 50\$00; Francisco Luis Louro, Alcácer do Sal, 50\$00; Henrique Louro Fernandes, Setúbal, 50\$00; José de Brito da Mana Júnior, Bragança, 20\$00; D. Maria Helena do R. Diogo, Panadia, 18\$00; Manuel Mendes de Matos, Rio de Janeiro, 110\$00; D. Sara Augusta de Lemos Cereja, Pôrto, 15\$00; D. Margarida M.ª Castro Fernandes, Portalegre, 20\$00; D. Júlia Augusta Machado, Viana do Castelo, 127\$00.

Almanaque de Nossa Senhora da Fátima (1945)

«É o Almanaque popular mais completo», dizia-se o ano passado quando da publicação do seu primeiro número. Ele aparece novamente e as suas 164 páginas estão cheias de utilidades de mistura com contos, anedotas, charadas, adivinhas, etc.

INDISPENSÁVEL AOS CAMPONESES! ÚTIL PARA TODOS!

Já me ocupei deste assunto na primeira série destes artiguinhos (XVI — «Voz da Fátima», Agosto de 1937 — e pág. 61 do respectivo livrinho).

Mas o assunto é actual, porque estamos em época muito propícia para o desenvolvimento da peste, da fome e da guerra...

Como disse, a febre tifoide propaga-se por meio de um microbio que vive nos intestinos dos doentes e dos convalescentes daquela doença.

Por esse motivo, os doentes devem, se fôr possível, ser isolados em hospitais e devemos ter o cuidado de conviver o menos possível com os que a têm ou tiveram há pouco.

As suas fezes devem ser desinfectadas com cloro de cal, as roupas e louças devem ser lavadas com água a ferver, e, todas as vezes que tenhamos de estar em contacto com aqueles indivíduos, devemos lavar cuidadosamente as mãos.

O quarto onde esteve um doente deve ser arejado; deve-lhe ser esfregado o chão e caídas as paredes.

A febre tifoide, como já tive ocasião de informar, pode transmitir-se pela água contaminada, ou por certos alimentos que se usam crus e que estiveram em contacto com a terra ou com a água poluída, tais como as alfaces, os morangos, os agriões, os rabanetes e os mariscos (ostras).

Também pode transmitir-se pelas mósca, às quais devemos declarar guerra de extermínio.

Em ocasião de epidemia, devemos pôr de parte esses alimentos e, para beber, lavar a boca e outros usos, apenas deveremos utilizar a água depois de bem fervida.

Podem prestar grandes serviços a vacina preventiva, que deve ser aplicada por médico.

Todas estas práticas higiênicas devem fazer-se com toda a serenidade, sem precipitações nem sustos.

«O medo, segundo afirma o povo, é mau conselheiro!»

Devemos confiar na Higiene e, sobretudo, na Providência.

J. A. Pires de Lima

PALAVRAS MANSAS

BOA NOVA

Li com muito prazer a notícia da libertação de Paris, capital da França e do seu império enorme. A grande cidade, que assim recobrou a posse de si mesma, já pode viver, como lhe aprouver, a sua vida e irradiar pelo mundo além a sua luz.

No domínio dos estranhos, sejam eles quem forem, há sempre incompreensão e dureza. Não conhecem bem a língua, a alma do povo, os sentimentos e as tradições do país. Sabem apenas que tudo isso naturalmente os repele. Até o embalo dos berços se faz com um ritmo de insurreição, sistematicamente hostil.

No meu discurso de recepção na Academia francesa, disse o cardeal Mathieu que a gente da Lorena como que sentia ainda o coração oprimido e magoado pelas patas dos cavalos da invasão prussiana, em 1870. Os franceses de hoje, apesar de se encontrarem um pouco mais longe do milagre de Joana de Arc, também devem sentir coisa parecida.

Para os que ficaram no seu país, onde tantos e tantos lares estão em ruínas, que provação dolorosa! Para os que vivem em terra estranha, com um sentimento patriótico por isso mesmo mais vivo, que provação e que saudades da terra do seu amor, da doce França!

Nunca estive em Paris. Tenho pelas viagens ao estrangeiro o desamor de Camilo. Pouca saúde, poucos recursos, poucos estímulos de curiosidade vivaz e insatisfeita. Por mais que me chamem, não vou. Prefiro viajar, como Xavier de Maistre, no interior do meu quarto, a correr, com o infante D. Pedro, as sete partidas do mundo.

Confesso, porém, sinceramente que tenho viajado muito pelos livros de autores franceses, com um passaporte que a guerra tornou cada vez mais caro. Tem uma grande conta em aberto com a França a formação do meu espírito e a formação da minha palavra, modalidade de espírito mais do que nenhuma outra invejada e complexa.

Li com absorvente atenção os seus escritores insignes, desde Froissant a Banville, desde La Bruyere a Bourget e Júlio Lemaitre. Li e ouvi os seus grandes oradores — Bourdaloue, Bossuet, Beranger Lamartine, Lacordaire, Janvier... Li e ouvi, torno a dizer, porque na palavra, que passou mais

ou menos fielmente para os livros, há ainda hoje um ritmo..., uma emoção, um frémito de vida interior e, até não raro, de graça, que nos permitem ouvi-la, como Olavo Bilac ouvia estrêlas no mistério das noites tropicais... Quem se deu, falando, até à sinceridade pungente, fala sempre aos que consagram à oratória, donde quer que ela venha, um grande e comovido amor. Bossuet pregador tem-me sempre no meio dos seus ouvintes. Abrir o livro, para mim, o mesmo é que entrar na igreja e ver no púlpito, a agitar as asas, a água prodigiosa.

Versando proficientemente o momentoso problema da natalidade, Mons. Gibier, Bispo de Versailles, diz que há duas França — a do norte e a do sul, a que vive e a que morre. Ao passo que naquela se observam dia e noite as normas da moral cristã, nesta tem-se notado que essas normas são sistematicamente violadas.

Para mim também há duas França — a França de Clóvis, de S. Martinho, de Carlos Magno, de S. Luis, de Joana d'Arc, de Richelieu, de S. Vicente de Paulo, de Colbert, a França das cruzadas, das catedrais, das irmãs de caridade, da alta cultura católica, das missões... Amo e sigo esta nobre nação gaulesa.

A França de Filipe o Belo, da heresia do século XVI, dos libertinos do século XVII, dos enciclopedistas do século XVIII, dos racionalistas do século XIX, do Jacobinismo perseguidor da doutrina e da acção da Igreja — a outra França não pode ter entre católicos simpatias e louvores.

Aceitar globalmente, neste ou naquele país, o bem e o mal, a verdade e o erro, é mais do que facilidade suspeita, é conivência. Quem não é por mim é contra mim, diz-nos sempre Jesus no Evangelho.

Feita esta distinção, que se impõe hoje em todos os povos desprovidos de uma forte unidade moral, o meu desejo é que a França fiel ao seu destino de filha mais velha da Igreja e de soldado de Deus, como dizia Shakespeare, volte a ser uma grande nação cristã, com um lugar de honra no mundo que aí vem.

Correio Pinto

Este número foi visado pela Censura